

# Operador desabafa: 'É impossível; sem lógica'

**CARLOS MAGNO TAQUARI**

"O que eu faço com aquele lote?" A pergunta era feita por um operador da bolsa em meio ao pregão de ontem, quando o índice ainda estava negativo e o mercado refletia todo o nervosismo causado pela oscilação recorde de quinta-feira. Diante da pergunta sobre o destino de um lote de ações, outro operador que passava por perto fez um sinal para o colega imitando o gesto de um revólver apontado para a cabeça.

A cena exemplifica o clima observado até a metade do pregão de ontem na Bolsa de Valores de São Paulo. Embora a onda de boatos já tivesse diminuído, na abertura do pregão a maioria dos operadores tinha ordens de venda e faltavam compradores. O que iria acontecer no restante do pregão era a pergunta que todos faziam e ninguém sabia responder. "Isto aqui não tem lógica. É impossível prever qualquer coisa. Uma hora são os boatos, depois o governo com a falta de definição na política econômica ou os especuladores", queixava-se um operador irritado com o clima de instabilidade.

Por volta de 11 horas, no entanto, o mercado começava a reagir e passava a comprador. João Antonio Fernandes, da Título-Corretora de Valores, era um dos operadores que tinham chegado pela manhã com a orientação de se desfazer de alguns quilos (um quilo significa um milhão de ações na linguagem na bolsa) de ações, inclusive algumas de primeira linha:

## "LOUCURA"

"Ainda bem que eu só vendi 20% do que estava previsto, porque o mercado se recuperou e nós mantivemos uma boa posição", explica João Antonio, que, apesar de toda a instabilidade, garante ter atravessado ileso o furacão de quinta-feira, quando pelos menos um operador foi visto chorando por causa dos prejuízos.

Quem perdeu mais na violenta oscilação ninguém revela. "Aqui as

pessoas só falam quando ganham e são discretíssimas quando perdem", conta João Antonio. No café da bolsa, no entanto, corre uma ligeira indiscrição. O homem que chorou na sala do pregão, quinta-feira, entendeu errado uma ordem de compra e venda.

"Fora eventuais enganos, os grandes prejuízos costumam ficar por conta dos especuladores ou daqueles que ainda acreditam em fazer fortuna de um dia para o outro." Quem diz isso é Moisés Schnaider, com 34 anos de experiência no mercado, que ontem se mostrava aparentemente tranqüilo. Gerente de operações da SLW — Corretora de Valores, Schnaider tem uma explicação simples para se enfrentar a turbulência do mercado: "O negócio é pôr um ovo em cada cesta para não quebrar (diversificar as aplicações) e não esquecer que a bolsa é um investimento a longo prazo". Enquanto fala, Schnaider não tira o olho do pregão, talvez até por hábito. Já Sérgio Rondinelli, da Vaz Guimarães, preferiu manter-se à margem: "Eu não entro nessa loucura", diz ele ao explicar que nos dias de muita instabilidade é melhor se resguardar.

## MERCADO COMPRADOR

Por volta de meio-dia, o mercado é francamente comprador. De repente, papéis que pela manhã ninguém queria comprar não estão mais à venda. Agora, aqueles que usavam expressões como "quadrilha" ou "máfia" para denunciar os supostos causadores das baixas estão mais preocupados em garantir boas compras. Entre os operadores, a tensão não é mais provocada pela possibilidade de desvalorização dos papéis em mãos, mas pela necessidade de executar ordens de compra. A tensão é dividida com as pessoas que estão nas mesas das corretoras e que se comunicam por telefone com os operadores. Os clientes são os primeiros a serem ouvidos, mas quando a ordem é operar "pelo mercado" (de acordo com a tendência) a responsabilidade fica por conta da corretora.